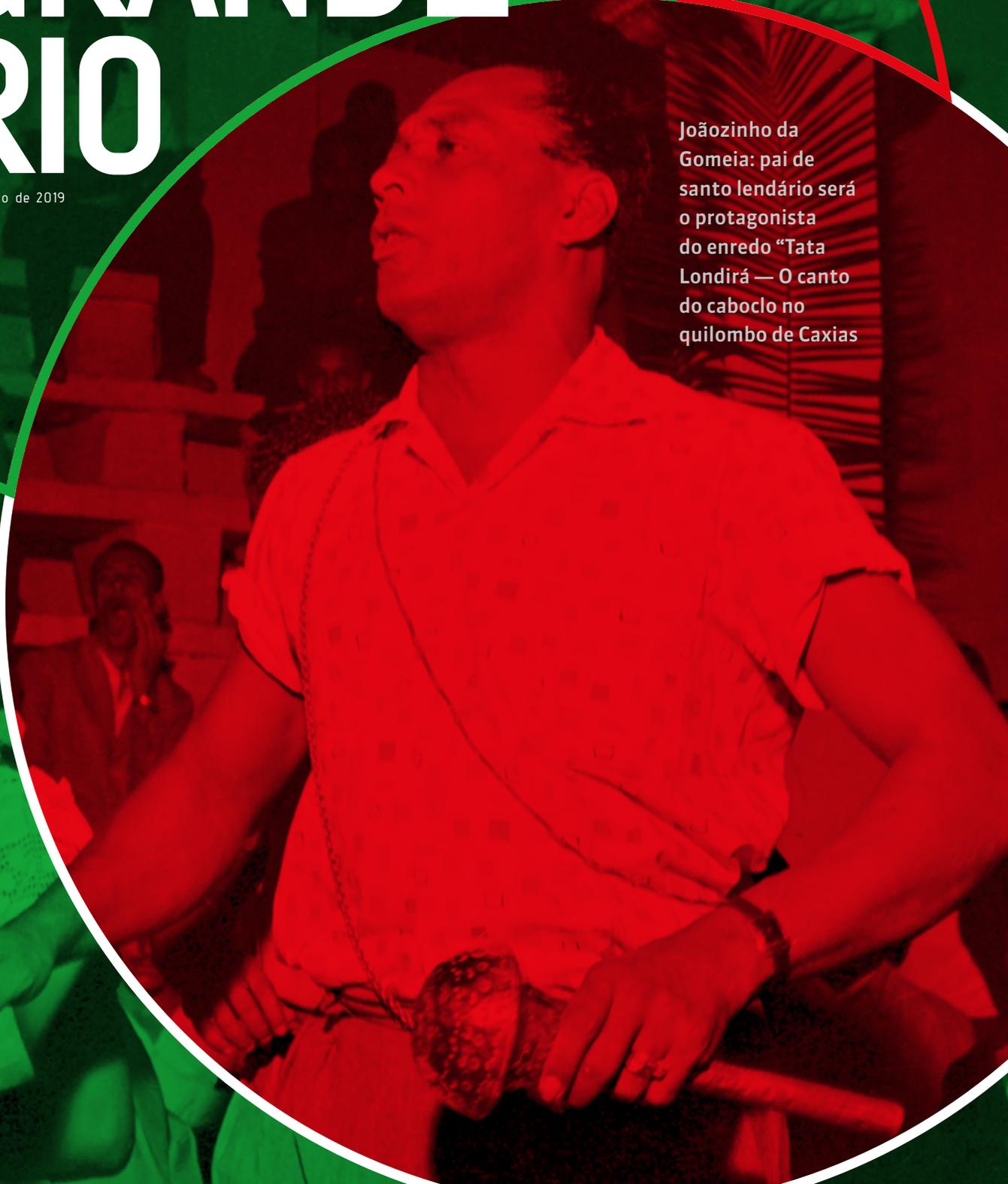


# Revista da **GRANDE** **RIO**

setembro de 2019



Joãozinho da  
Gomeia: pai de  
santo lendário será  
o protagonista  
do enredo "Tata  
Londirá — O canto  
do caboclo no  
quilombo de Caxias

mestre-sala e porta-bandeira	4 e 5
mestre de bateria	6
intérprete	7
a história da escola	8 e 9
projetos sociais	10 e 11
enredo 2020	12 e 13
artigo de Flávia Oliveira	14

## ACADÊMICOS DO GRANDE RIO CARNAVAL 2020

**ENREDO** Tata Londir: O Canto do Caboclo no Quilombo de Caxias • **PRESIDENTES DE HONRA** Jayder Soares, Leandro Soares e Helinho de Oliveira • **PRESIDENTE** • Milton Perácio • **DIRETOR DE CARNAVAL** Thiago Monteiro • **DIRECO GERAL DE HARMONIA** Andrezinho, Cacá Santos, Clayton Bola, Helinho Aguiar e Jefferson Guimarães • **CARNAVALESCOS** Leonardo Bora e Gabriel Haddad • **MESTRE DE BATERIA** Fabrício Machado • **RAINHA DE BATERIA** Paolla Oliveira • **INTÉRPRETE** Evandro Malandro • **COREÓGRAFOS DA COMISSÃO DE FRENTE** Hélio Bejani e Beth Bejani • **PRIMEIRO CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA** Daniel Werneck e Taciana Couto • **SEGUNDO CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA** Andrey Ricardo e Jéssica Barreto • **DIRETORA DA ALA DAS BAIANAS** Dona Marilene • **DIRETORES DA ALA DE PASSISTAS** Avelino Ribeiro e Rosângela • **DIRETOR DE BARRACÃO** Sylvio Batista • **ASSESSORIA DE COMUNICAO** Luise Campos

## REVISTA DA GRANDE RIO

setembro de 2019

**EDIO, CONCEPO E REPORTAGENS:** Aydano André Motta (MTb 18405)

**TEXTOS E REPORTAGENS:** Luise Campos

**PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAO:** Tlio Navega

**IMPRESSÃO:** Gráfica e Editora Padrão Color

**TIRAGEM:** 6 mil exemplares

**AGRADECIMENTOS:** Milton Perácio, Yuri Soares, Hélio e Beth Bejani, Vinícius Cabral, Ricardo Almeida

# Casal gigante conduz o pavilhão tricolor

No intervalo entre dois carnavais, a fluminense Taciana Couto é uma jovem pequena, de voz baixa e sorriso tímido, como tantas outras Brasil afora. Quando chega a hora de pisar o altar dos bambas, ela se transforma: daqueles 1,65m e 55 quilos, surge uma gigante de passos precisos e beleza encantadora, na condução do pavilhão tricolor. Em 2019, viveu a metamorfose no palco principal, como primeira porta-bandeira da Grande Rio.

Ainda ganhou nota 10 no enredo da coragem feminina, ao encarar, com precocos 18 anos, o desafio da estreia no olimpo das grandes damas do pavilhão. Taciana encarou os 800 metros mágicos com firmeza e devoção, materializando o sonho da vida inteira – “e na minha casa”, arremata ela, falando da escola de coração, suprema paixão carnavalesca.

E destino, traçado antes do nascimento. A primeira vez dela na Grande Rio foi no desfile de 2000, ainda na barriga da mãe, Tatiana, que também rodopiou com o pavilhão tricolor, no primeiro quadro de casais mirins. (O pai integrou a ala de compositores.) A filha passou dos 5 aos 7 anos pela Pimpolhos da Grande Rio, uma das principais escolas para crianças do Carnaval.

Sem clichês carnavalescos nesta história. Taciana sempre observou com fascínio e cobiça os casais de mestre-sala e porta-bandeira. Jamais quis ser passista, tampouco se interessou pelos holofotes que emolduram as rainhas de bateria. “Mesmo quando saía na ala das crianças, pensava na porta-bandeira”, confirma, lembrando-se de como acompanhava, olhos vidrados, os rodopios de Squel (hoje na Mangueira) e Sidclei (atualmente no Salgueiro) na quadra da Rua Wallace Soares.

A conjugação do amor pela Grande Rio com a paixão pela dança garantiu a felicidade de Taciana quando ela assumiu o posto de segunda porta-bandeira na Pimpolhos, em 2013, e dois anos depois, passou a primeira. A caminho de 2017, recebeu a convocação para ser a terceira porta-bandeira da Grande Rio. Após 13 carnavais na escola mirim, chegara a hora de crescer. “O sonho se tornou realidade”, como está no samba-exaltação da escola – frase, aliás, que Taciana eternizou na ponteira da bandeira que carrega.

O Carnaval de 2018 terminara havia poucas semanas, e ela, de férias do colégio (começaria o último ano do Ensino Médio!), dormia até mais tarde, na casa onde mora, na Vila São Luiz, com a avó, a mãe e o padrasto. De repente, o celular

Fotos de Mário Grave e de álbum de família



Taciana e Daniel: amor pela bandeira da Grande Rio como combustível na luta pelas notas 10

*“A Grande Rio é amor, comunidade, devoção. A força do samba de Caxias nos comove e orgulha”*

*JAYDER SOARES,  
presidente de honra*

desandou a apitar em ritmo frenético. “A terceira bailarina do quesito será a substituta de Verônica Lima”, informavam as “prints”, referindo-se à saída da premiada porta-bandeira anterior. Taciana achou que não tinha acordado ainda.

A realidade se impôs numa mensagem de Fafá, o mestre de bateria, convocando a jovem para um encontro, no barracão na Cidade do Samba, com o presidente de honra Helinho de Oliveira. “Você é nossa primeira porta-bandeira, está feliz?”, comunicou o dirigente, no estilo sem rodeios que o caracteriza. “Não me perguntou se eu queria, se estava pronta, nada”, relembra Taciana, repetindo o protocolo dos bambas na hierarquia carnavalesca, e as oportunidades que surgem sem aviso nem hora marcada, no ritmo do destino.

Num primeiro momento, ela não teve reação, ficou olhando para seu interlocutor, sem acreditar no que ouvia. “Claro que estou muito feliz”, limitou-se a dizer, em voz baixa. “Estava tranquila como terceira, queria curtir o pavilhão da minha escola de coração, na minha casa, realizando meu sonho, qualquer que fosse a posição”, resume, mostrando o tamanho de sua paixão.

Mas, assim que se refez do susto, Taciana entendeu o tamanho e importância da nova missão. Empenhou-se nos ensaios, estudou casais mais experientes, até se tornar gigante na Sapucaí. Demonstrando talento impressionante, destacou-se no desfile, arrancando aplausos do público e da crítica especializada. Nem parecia a primeira vez na divisão principal, tamanha a segurança de seus movimentos. “Até hoje, é como se não acreditasse”, atesta, no tom realizado de quem transfere os sonhos para a vida real.

Taciana tem ainda a sorte de um coadjuvante perfeito. Mais experiente do que a parceira, o mestre-sala Daniel Werneck tem a vida ligada ao Carnaval desde criança, de maneira inusitada: em 1999, logo após concluir a primeira comunhão, seguiu para o ensaio da Aprendiz do Salgueiro. De calça e sapatos brancos, foi convocado para dançar com a porta-bandeira.

Em 2009, passou a segundo mestre-sala do Salgueiro, posição que ocupou até 2011, conquistando o Estandarte de Ouro de Revelação em 2010. Em 2012, estreou como primeiro na Estácio de Sá, de onde se transferiu para a Grande Rio em 2015. Em 2018, ganhou novamente o Estandarte, como melhor mestre-sala do Grupo Especial.

Um casal gigante, na condução do pavilhão tricolor. •

# O precoce maestro da orquestra tricolor

**C**arregar a Grande Rio na alma, no setor dos amores inegociáveis, dita o ritmo da vida do maestro da bateria tricolor. Fabrício Machado, o Mestre Fafá, chegou jovem – 28 anos – ao topo da hierarquia dos ritmistas de Caxias, mas com credenciais familiares para o posto. Entre seus antecessores está o pai, Du Gás, confirmando que corre no DNA a perícia para conduzir os ritmistas.

Ainda criança, Fafá aprendeu em casa a batida do tamborim e acalentou o sonho de tocar na bateria, sua paixão suprema no universo carnavalesco. Enquanto a hora não chegava, corria pela quadra, brincando com outros meninos e meninas enquanto samba entranhava-se na sua pele, esculpindo o amor.

Passava os ensaios batendo nas grades do palco da bateria, simulando o ritmo do surdo de terceira. Em 2005, aos 15 anos, chamou a atenção de Mestre Odilon, lendário comandante da bateria. “Vem cá, garoto”, convocou o veterano, pedindo que ele tocasse o instrumento. O convite para integrar a bateria veio imediatamente. Fafá até demorou a acreditar: no dia de buscar a fantasia, pediu à mãe que ligasse para o mestre e perguntasse se era verdade mesmo.

Outro mestre, Ciça, transformou-se na sua referência de ousadia e respeito com os ritmistas. Foi a cereja do bolo: de seu pai e Odilon herdou as lições de ritmo, afinação e técnica. Misturou tudo na Pimpolhos da Grande Rio, onde desfilou desde a criação, em 2003. Aproveitou a fase de formação para tentar tudo que lhe ocorria, firmando-se como um dos mais inventivos integrantes da trupe.

Quando se tornou mestre da escola mirim, liderou a ascensão que rendeu vários prêmios. “A percussão é levada como missão para mim”, define ele, professor para crianças, jovens e adultos com necessidades especiais.

Ele ainda se lembra da noite em que se preparava para dormir, quando viu uma ligação não atendida de



**Mestre Fafá:**  
talento para o ritmo e vocação para liderança tatuados no DNA

Helinho de Oliveira, presidente de honra. Retornou e ouviu a voz grave do chefe: “Pode se preparar: você é o novo mestre de bateria”. Ele, num primeiro momento, pensou que era trote.

Mas a ficha caiu – e a personalidade do novo mestre se impôs. Fafá mudou o andamento da bateria, para um estilo mais cadenciado, que privilegia o canto do samba. “A gente é amigo do ritmo”, ele repete uma frase de Mestre Odilon. “O que posso dizer é que estamos tocando samba. Eu estudo. Os áureos tempos da Grande Rio, quando a escola começou a frequentar o Desfile das Campeãs, foram todos com essa cadência”, argumentou, em entrevista a Guilherme Ayupp, do Carnavalesco.

A estreia referendou as ideias e estratégias do novo mestre. A bateria tricolor conquistou os cobiçados 40 pontos do júri oficial da Liesa, numa apresentação impecável. Para completar, levou o Estandarte de Ouro, mais importante prêmio da festa. Bastou um desfile para todos em Caxias terem a confirmação do acerto na escolha de um maestro à altura da dinastia tricolor.

Dedicação, amor e talento – a conjugação que ditará o ritmo da Grande Rio, sob a batuta de seu mestre. •

Fotos de Mário Grave

# A voz que conduz a Grande Rio pela Sapucaí

**N**o cardápio de vozes da Sapucaí, estão alguns dos grandes cantores brasileiros. O vigor na interpretação do samba por mais de uma hora ininterrupta, no ritmo exato para contagiarmilhares de componentes, é ciência única, própria de artistas muito especiais. Evandro Malandro, 39 anos, está consolidando lugar entre os virtuosos do canto, num estilo impecável, que rapidamente se adaptou à Grande Rio.

Sua estreia, em 2019, foi aclamada pela crítica e conquistou a simpatia da plateia. “Desde o momento em que

recebi o convite para o posto, botei na cabeça que o empenho e dedicação precisariam ser maiores”, garante. “O povo de Caxias pode ter certeza que aqui tem mais um guerreiro dessa comunidade tão apaixonada e empenhada pelo pavilhão tricolor”.

Brilhar no altar do Carnaval significa o auge da trajetória do sambista, iniciada na Região Serrana do Rio. Evandro dos Santos nasceu em Nova Friburgo, onde teve sua iniciação musical, aos 9 anos, passando por todas as funções ligadas ao ritmo e ao canto, nas escolas locais. Tocou cavaquinho, passou pela bateria, até conseguir lugar como intérprete, ao longo de uma década na cidade.

A migração para o Rio se iniciou pelo carro de som da Unidos do Porto da Pedra, em 2009. No mesmo ano, integrou a equipe de canto da Renascer de Jacarepaguá. Em 2010, cantou com Dominginhos do Estácio na Imperatriz Leopoldinense e em 2011 voltou a compor o quadro de cantores da escola de São Gonçalo. Defendeu a Imperador do Ipiranga, do Grupo de Acesso de São Paulo, em 2013, mesmo ano em que empunhou o microfone principal da Apoteose do Samba, em Uruguaiana (RS). Na cidade gaúcha, foi ainda cantor de apoio na Bambas da Alegria, em 2011 e 2012.

Sua primeira experiência como intérprete oficial no Rio se deu no desfile de 2014, ao lado de Diego Nicolau, na Renascer de Jacarepaguá. Um ano inesquecível, que lhe rendeu um Estandarte de Ouro. Em 2018, seguiu para o Acadêmicos do Cubango, de novo como cantor principal.

A carreira profícua se explica, para Evandro, na preparação incansável, fruto da paixão pelo ofício de bamba. Ele aperfeiçoa o talento em sessões de fonoaudiologia e preparação musical. Nas horas vagas, aposta em cursos, como que terminou recentemente, de violão sete cordas, na Escola Portátil de Música da Uni-Rio. “A Grande Rio constrói sambistas, possui uma nação apaixonada, que faz de tudo por ela. É uma honra fazer parte disso e sei que nossa comunidade merece todo meu esforço”, exulta o cantor. “Minha entrega aqui sempre será total”. •



**Evandro Malandro:**  
aposta na revelação de um novo intérprete

*“Festa, para nós, é ver a nossa comunidade feliz. A Grande Rio existe para ela”*

*HELINHO DE OLIVEIRA,  
presidente de honra*

# Orgulho no ritmo do samba

**A** cada fevereiro, Duque de Caxias apeava do seu lugar de locomotiva industrial da Baixada Fluminense, para observar o samba sair em outras regiões – a começar pela vizinha rica, o Rio de Janeiro. A década de 1960 se aproximava do fim, e o Carnaval ensaiava para tomar o caminho de se tornar a festa opulenta que um dia no futuro encantaria o planeta inteiro.

Um homem em especial carregava a certeza de que Caxias não podia ficar para trás. Sambista desde sempre, Milton Perácio tratava a fundação de uma escola como projeto de vida – mas enquanto não conseguia viabilizar o projeto, liderava o badalado Bloco do China pelas ruas do Centro.

Havia outras agremiações pequeninas – a Cartolinha de Caxias, o Capricho do Centenário, a Unidos da Vila São Luiz e a União do Centenário – que recebiam subvenção da Associação das Escolas de Samba do Rio para se apresentar. Tudo pequeno, modesto, desimportante. Até que Perácio articulou a fusão das quatro numa só: a Grande Rio (ainda sem o “Acadêmicos” da atual), que ganhou o verde, vermelho e branco inspirados no Fluminense, clube do coração dele.

Não prosperou, a ponto de precisar conseguir instrumentos emprestados para se apresentar no Carnaval. “A gente passava vergonha”, relembra ele. “Precisava ser melhor, mais estruturado”. Em março de 1988, Perácio fundou a Acadêmicos de Duque de Caxias, mas seis me-

ses depois, no dia 22 de setembro, encontrou o caminho definitivo. Convenceu os amigos Jayder Soares e Helinho de Oliveira a apostar numa fusão, na qual surgiu a Acadêmicos do Grande Rio.

“A cidade ganhou autoestima, passou a ter um orgulho”, relata ele, satisfeito por ver sua comunidade empoderada, atraindo artistas como Susana Vieira, David Brazil, Ana Furtado e Paolla Oliveira, a rainha de bateria que voltou ao posto, para alegria geral. E ainda desandou a revelar talentos. “A Squel começou aqui com a gente”, orgulha-se ele, falando da hoje consagrada porta-bandeira

da Mangueira. “Temos uma dinastia de porta-bandeiras, todas formadas aqui”, exulta.

Porque a Grande Rio, caçulinha das gigantes do samba, tem fundamento – a Pimpolhos, escola mirim, é a prova mais eloquente –, samba no pé, comunidade forte e apaixonada. Seus ensaios de rua, na Avenida Brigadeiro Lima e Silva, arrastam multidões, e a quadra, na Rua Wallace Soares, virou epicentro cultural da cidade.

E agora Caxias espera fevereiro, ansiosa e ativa, para ver sua escola na Passarela iluminada, como convém a qualquer terra de bamba. •

Fotos de acervo da Grande Rio



*“Aqui é minha vida.  
Tenho pena de morrer  
e não acompanhar  
mais a escola”*

*MILTON PERÁCIO,  
presidente*

## O valor da comunidade

# Nota 10 no quesito consciência social

Quem entende escola de samba como aquele ajuntamento humano de pessoas alegres, que passa em cortejo anualmente na Sapucaí, é ruim da cabeça ou doente do pé – ou as duas coisas. Muitas delas funcionam como polos essenciais de educação e cultura, cumprindo papel precioso, que muitas vezes substitui o Estado. A Acadêmicos do Grande Rio está entre as campeãs de consciência social.

Basta conhecer o trabalho feito pela Pimpolhos da Grande Rio, a escola mirim. Aqui, não é só samba e Carnaval, mas um trabalho global de formação que abrange os pequenos e suas famílias. Um exemplo é a concorrida oficina de maquiagem na quadra da Rua Wallace Soares todas as segundas-feiras, para alunos a partir de 15 anos de idade.

A educação artística, aliás, é predicado valioso da Pimpolhos. Aulas de iniciação musical, cavaquinho, dança afro e teatro recebem crianças em diversos dias e horários. Há atividades ainda no Centro de Atendimento Psicossocial (CAPS), em Caxias, levando a arte para onde ela é extremamente necessária: no processo de desenvolvimento humano, que funciona como potente ferramenta terapêutica, atuando diretamente na melhora de habilidades motoras e sociais.

Além da arte e sua capacidade para desenvolver habilidades cognitivas, meninos e meninas precisam de oportunidades para avançar. Por isso, a escola oferece bolsas em cursos universitários e de inglês, a partir de parcerias com empresas como Fisk, CNA, Cultura Inglesa, Yes e Estácio de Sá.

Juliane da Hora, que desfila na Pimpolhos desde 5 anos, ganhou bolsa de estudos na escola de dança Adriana Miranda, em Caxias, e hoje, aos 22 anos, atua profissionalmente como instrutora no projeto social da escola. Além disso, foi bolsista de um curso de inglês e atualmente estuda Engenharia Civil na Estácio, com bolsa integral oferecida pelo projeto.

Outro exemplo de sucesso é o de Cynthia King, guia de turismo no Carnaval Experience, projeto de turismo receptivo no barracão na Cidade do Samba, apresentando os bastidores do Carnaval a brasileiros e estrangeiros (com atendimento em diversos idiomas). Uma das embaixadoras da Pimpolhos, Cynthia se juntou à escola mirim aos 9 anos, e teve aulas de inglês e dança. Hoje, aos 22, prepara-se para se apresentar no próximo Rock in Rio.

Porque na Grande Rio social, sonhos viram realidade. •

**A quadra da Grande Rio e a cidade: investimento maciço em projetos sociais e profissionalizantes**



Fotos de Tamur Amara e de Diego Lima

## Estrela de Caxias

Na luta incessante contra as carências históricas que espertam a Baixada Fluminense, Duque de Caxias conta com a presença transformadora da Grande Rio. A cidade se transformou graças a sua escola de samba, presença fundamental na economia, no lazer e na autoestima do povo trabalhador da região. Julio Souza, Diretor de Turismo da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, exalta a presença da tricolor, bem no Centro, funcionando como uma embaixadora. “Somos um milhão de habitantes que têm na Grande Rio um motivo de orgulho”, atesta ele. “Pessoas vestidas com camisas da agremiação fazem parte da paisagem em todos os bairros de Caxias. Isso mostra o quanto a escola está inserida no nosso cotidiano”.

A localização da quadra, bem ao lado da rodoviária, no caminho de diversas linhas de ônibus municipais e que levam a outras cidades, ajuda na popularização das muitas atividades. Além de diversos eventos de entretenimento, como shows com estrelas da música brasileira, a sede tricolor recebe manifestações importantes de fortalecimento da identidade de matriz africana. O principal deles é o Prêmio Atabaque de Ouro, o maior festival de cantigas de terreiro da atualidade, que, em sua última edição, dia 25 de agosto, apresentou uma novidade: a entrega da medalha Joãozinho da Gomeia, em total consonância com o enredo para o Carnaval 2020. •

*“A Grande Rio para mim é uma família. E me sinto responsável por transmitir o amor aos filhos, netos e bisnetos das minhas baianas”*

*DONA MARILENE,  
presidente da ala das baianas*

# Um outro chamado João

Gabriel Haddad e Leonardo Bora

No dia 22 de novembro de 1967, no Correio da Manhã, Carlos Drummond de Andrade publicou o poema Um chamado João, homenagem ao amigo João Guimarães Rosa, falecido três dias antes. Nos versos dedicados ao autor de Grande Sertão: Veredas, Drummond apresenta uma série de questionamentos – tentativa poética de compreender quem fora Guimarães Rosa. Em certo momento, indaga: “João era tudo? / Tudo escondido, florindo / Como flor é flor, mesmo não semeada?” Ao final, conclui: “Ficamos sem saber o que era João / E se João existiu / De se pegar.”

Nas veredas que nos levam ao carnaval de 2020 da Acadêmicos do Grande Rio, deparamo-nos com um outro chamado João, João Alves Torres Filho, Joãozinho da Gomeia. Tata Londirã, nos ritos do Candomblé Angola. Vento de fogo, Oxóssi e Iansã, de espírito valente, aguerrido, conduzido pelo Caboclo da Pedra Preta desde as noites da primeira infância, em Inhambupe, no interior da Bahia. Um enredo e um clamor antigo: o desejo de uma comunidade, Duque de Caxias, o lugar escolhido pelo homenageado para (re)plantar o seu axé, quando aportou em terras fluminenses, na primeira metade do século passado.

Evocando os versos de Drummond, perguntamo-nos, curiosos: quem foi, afinal, Pai João?

Que ele existiu “de se pegar”, todos sabemos: das fotografias e matérias jornalísticas, dos relatos em livros (Jorge Amado foi a bússola primeira) e das narrativas de matriz oral, tão ricas e contraditórias. Daí o fato de que o texto explicativo do enredo (a popular “sinopse”) intencionalmente mais sugere do que atesta veridades. Foi concebido como obra aberta, maleável feito o barro, conflituoso feito a própria vida de um sujeito de diferentes nomes e incontáveis saudações, protagonista de um sem-fim de histórias e estórias que nos ajudam a compreender as cenas política e cultural do Brasil do século XX – e, por que não?, do turbulento Brasil de hoje. Nesse redemoinho, é impossível fechar as portas, as pontas, as pontes. Firmamos o ponto!

A memória do pai-de-santo que se travestia de vedete, do

Foto de Mário Grave



**Gabriel Haddad e Leonardo Bora: talentos emergentes do Carnaval, criadores de um dos grandes enredos de 2020**

destaque de escolas de samba que encarnou vultos históricos tão discrepantes quanto Ganga Zumba e D. João VI, do personagem midiático que recebia celebridades para festas com arquibancadas, do “bailarino popular” que ganhou os mais famosos palcos do país (e que chegou a se apresentar para a rainha da Inglaterra, recebendo justamente dela o título de “rei do Candomblé!”), do líder comunitário que fazia do seu terreiro centro de convivência e ação social é, e não poderia deixar de ser, uma arena de disputas narrativas. Nós, artistas-mediadores, cientes de que o fazer carnavalesco não deixa de ser uma afetuosa etnografia, colocamo-nos nesse tabuleiro com os olhos mais amorosos e livres de preconceitos.

Enquanto a pesquisa se desdobrava em um manancial de leituras e entrevistas, todas compartilhadas com o antropólogo Vinícius Natal, também autor do enredo, começamos a nos deparar com a figura que, ao gosto dos ensinamentos de Guimarães Rosa, dança entre opostos, deixando-se atravessar pela mais contundente poeticidade. Homem e pássaro, masculino e feminino, dia e noite, aldeia e quilombo, rua e roncó, dendezeiro e juremeira. Negro, gay, macumbeiro e nordestino, rompeu estereótipos e preconceitos que ainda ferem e ainda matam.

## Quem são os “meninos da Grande Rio”?

Gabriel Haddad Gomes Porto, 31 anos, é formado em Relações Internacionais pela UniLaSalle e cursa Mestrado em Artes na UERJ. Natural de Niterói, começou a frequentar escolas de samba quando criança, encantando-se com as criações de Joãozinho Trinta. Na Cidade do Samba, passou a trabalhar como assistente de criação no ano de 2007. Já Leonardo Augusto Bora, 33 anos, é licenciado em Letras Português-Inglês pela PUCPR, bacharel em Direito pela UFPR e Mestre e Doutor em Teoria Literária pela UFRJ. Também é professor substituto dos cursos de Indumentária e Cenografia da Escola de Belas Artes da UFRJ. Natural de Irati, pequena cidade do interior do Paraná, começou a desenhar fantasias e carros alegóricos ainda na primeira infância. Enquanto carnavalescos, ambos estrearam na folia de 2013, participando da comissão de carnaval da Mocidade Unida do Santa Marta. Chegaram à Grande Rio depois de assinarem, em dupla, trabalhos na Acadêmicos do Sossego e na Acadêmicos do Cubango. •

Sorvendo essa complexidade, a tricolor de Caxias apresentará, na Passarela do Samba, apenas uma entre dezenas, centenas de possíveis interpretações para a história do homenageado. A nossa tradução, pessoal e inconclusiva, se inicia com os delírios que conduziram um menino do interior baiano à visão fantástica de um homem coberto de penas, Pedra Preta, guia e fio condutor.

A noite! A mítica Salvador, cidade solar, cintilante, que festeja os caboclos, no 2 de julho; cidade onde Pai Jubiabá desafiava outros candomblés, promovendo ritos “impuros”, mistura de orixás e caboclos. A Gomeia de Salvador, na Estrada de São Caetano, passaria a receber artistas e intelectuais em um ambiente roceiro.

O terreiro! O desfile mostrará que João desembarcou no Rio de Janeiro e fincou suas raízes em Caxias, transformando a “nova Gomeia” em cenário de festa e fartura. Baixavam os caboclos na Baixada, sob a proteção de Pedra Preta, no transe do Juremã.

A aldeia! Mas a carne é de Carnaval e João vestiria o brilho, febril, na folia momesca. Vedete nos bailes de transformistas (Arlete, ecos revisteiros), herói clássico nos concursos do Municipal (Vulcano e Netuno, o fogo e a água), Ramsés e Cleópatra em um mesmo corpo indócil.

A rua! Reconhecido artista, costurou devaneios. Reinou nos grandes teatros, brilhou nos maiores cassinos. Bailou com Mercedes Baptista e arriou ebós para Juscelino Kubitschek, na capital em construção. Capa de revista, pontas no cinema, gravou disco, varreu o globo.

O palco! Por fim, o desfile entoará um canto de tolerância, em defesa da liberdade religiosa e da diversidade cultural. A Gomeia ainda pulsa no sangue dos seus herdeiros. A cultura popular que Joãozinho fomentava continua a brincar pelas ruas de Caxias, vestida de palhaço de reis ou gingando capoeira, dançando quadrilhas em junho, louvando Iansã no 4 de dezembro. Mostraremos que as sementes do quilombismo, nas cores de Abdias do Nascimento, permanecem vivas e verdejantes. Mostraremos que a intolerância e a violência jamais quebrarão os fundamentos e os saberes do povo de axé. Daremos, juntos, um grito de pertencimento, união e alegria. O quilombo!

É com este espírito libertário e transgressor que esperamos reconectar a Grande Rio à linha de enredos que a definia, tempos atrás, como a escola que apontava na avenida disposta a “dar um banho de cultura”. Escola que mergulhou nas águas claras, pediu a paz a Oxalá, denunciou que o Pelourinho ainda não findou, sambou com Exu nas encruzilhadas do sonho. Escola de uma comunidade apaixonada e apaixonante, uma geração de “pimpolhos” que aprendem desde cedo a pedir a bênção a Tia Ciata, um corpo de profissionais unidos e dedicados. O sopro, o cisco, a gira!

Nós, ainda “meninos”, recém-vestidos de verde, vermelho e branco, saudamos a ancestralidade, pedimos licença e proteção, e caminhamos mansamente em direção a fevereiro. O nosso João, como bem pontuou Drummond ao saudar Guimarães Rosa, era árvore e passarinho: dança na tempestade, voa mais alto que os mitos.

Sonhemos, Grande Rio! Axé! O tempo é a nossa história: vamos, vamos de mãos dadas! •



Artigo

# Uma escola que não se intimida

Flávia Oliveira

**D**os povos da antiga Costa do Ouro, hoje Gana, resiste um conjunto ideográfico, de nome adinkra, muito usado como símbolo de identidade e reverência à ancestralidade africana. Sankofa talvez seja o mais difundido desses ícones. Você já deve ter visto por aí o desenho estilizado de um pássaro com o corpo voltado para frente e a cabeça virada para trás. Esse desenho contém recado poderoso: nunca é tarde para apanhar de volta o que ficou para trás.

A filosofia do povo Akan cabe como luva na Grande Rio 2020. Entorpecida por um bom tempo pelo universo glamuroso das celebridades, a escola se afastou de suas raízes. Nem parecia assentada na Baixada Fluminense. Finda a tempestade, que quase deu em rebaixamento, a escola retorna ao território de onde não deveria ter saído. Falo não apenas do CEP, mas da origem negra, periférica, brasileira da agremiação.

“Tata Londirá: o Canto do Caboclo no Quilombo de Caxias” é o reencontro da escola de samba com seu campo, com seu povo, com sua biografia. Significa muito quando uma instituição chama, orgulhosamente, sua casa de quilombo. O desfile 2020 será celebração importante para agremiação, marca, gestores, componentes.

*A Grande Rio tem o melhor enredo do carnaval 2020, porque (re)africaniza a festa, devolve o desfile a seu berço*

Os sambistas de Caxias estão de parabéns pela ousadia de escancarar a melhor tradição do carnaval do Rio, a que reconhece – e exalta – o samba como filho da negritude e das religiões afro-brasileiras.

Quem não é da escola, mas ama e entende a festa, se anima também. Do lado de cá, sabemos que só haverá futuro se o Carnaval visitar o passado e abraçar suas origens, reassumir seu papel. As escolas de samba sempre foram espaços de convivência, criação coletiva, celebração, afeto e acolhimento. Tudo isso regado a comida farta, vozerios e toque dos tambores de África, que vieram dar nos quintais das tias.

A Grande Rio tem o melhor enredo do carnaval 2020, porque (re)africaniza a festa, devolve o desfile a seu berço. Apresenta-se como a descendente que olha para frente inspirada em seu passado. Sankofa. A escola teve a humildade do filho pródigo, aquele que, perdido por anos, retorna humilde à casa do pai. E ainda escolheu o melhor caminho de volta. Em tempos de polarização aguda, brutalidade e intolerância crescentes, optou pela trilha da igualdade, do respeito, da pacificação.

Os carnavalescos Gabriel Haddad e Leonardo Bora escolheram reconciliar a Grande Rio com suas origens celebrando um homem negro, nordestino, homossexual, pai de santo. Joãozinho da Gomeia encarna todas as camadas de preconceito que o Brasil devia, mas resiste a combater. O país ainda não superou a herança escravocrata; os estados do Nordeste acumulam indicadores sociais precários; agressões e assassinatos de LGBTs são frequentes; é epidêmica a perseguição aos terreiros de umbanda e candomblé no Rio – e o epicentro é a Baixada.

Tata Londirá nasceu João Alves de Torres Filho na Bahia. Em Salvador, montou terreiro na Rua da Gomeia, nome que repetiu quando se instalou em Duque de Caxias no fim dos anos 1940. Deu notoriedade à religião e à cidade, para onde se dirigiam políticos, intelectuais e artistas, brasileiros ou não. Foi na casa de Pai João que Gisèle Cossard, então mulher de diplomata francês no Rio, se soube escolhida pelos orixás. Na mesma Caxias, renomeada Omindarewá, a ialorixá montou seu terreiro, décadas depois.

Joãozinho da Gomeia foi homem e líder religioso que não silenciou nem se escondeu. A Grande Rio, ao homenageá-lo, dá sinais de ser uma escola que não se intimida. Quem é do santo, da tolerância, do respeito que vá atrás, cantando forte e alto. Eu vou.

Flávia Oliveira é jornalista

# LEVE A FESTA DA GRANDE RIO COM VOCÊ!



CONTATO PARA SHOWS  
+55 21 3228-2830  
dedegrio@hotmail.com

GRANDE RIO 2020



**NÃO PERCA!**

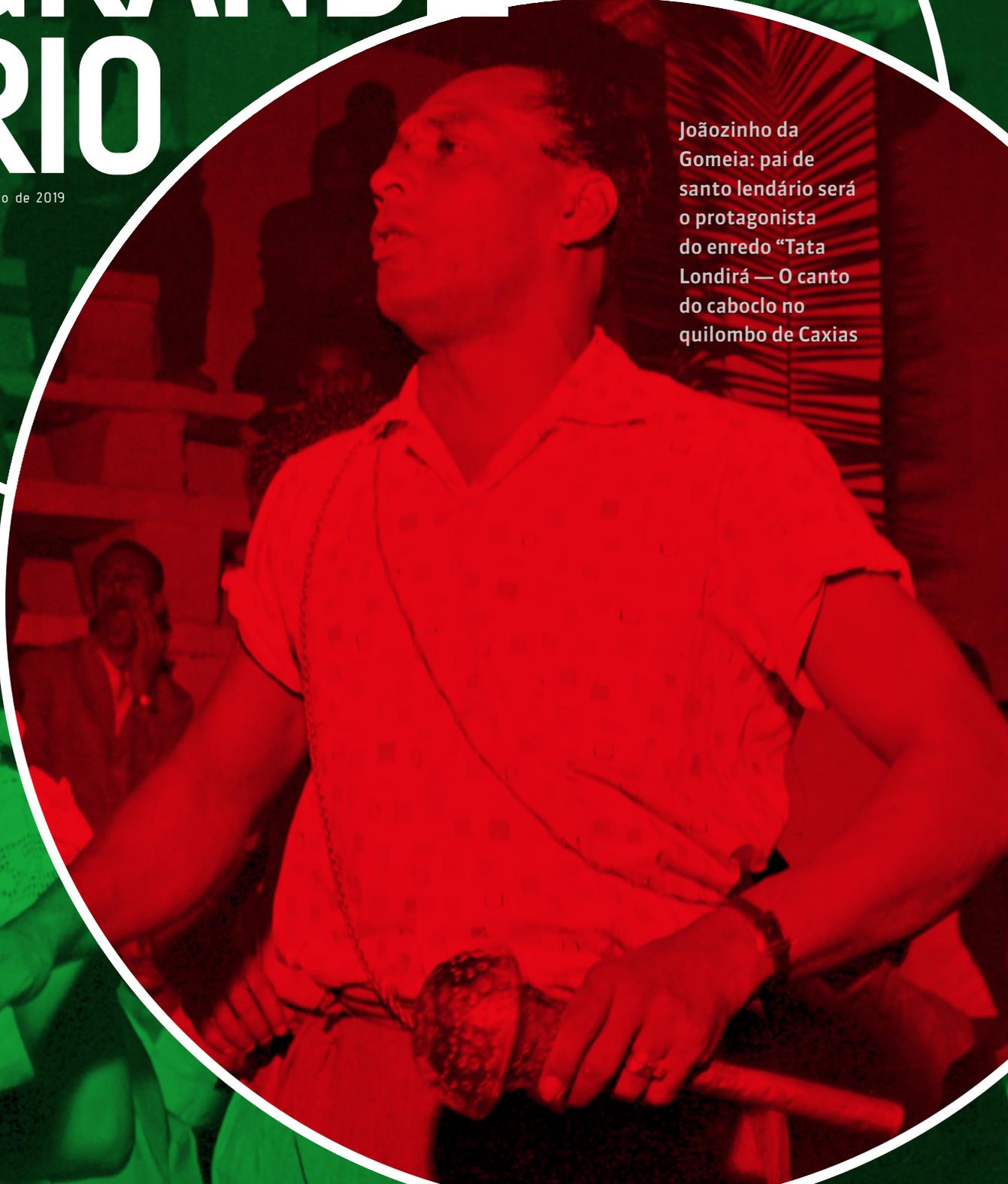
Na madrugada de 23 para 24  
de fevereiro de 2020, em uma  
Passarela do Samba perto de você!

**TATALONDIRÁ**

O CANTO DO CABOCLÓ NO QUILOMBO DE CAXIAS

# Revista da **GRANDE** **RIO**

setembro de 2019



Joãozinho da  
Gomeia: pai de  
santo lendário será  
o protagonista  
do enredo "Tata  
Londirá — O canto  
do caboclo no  
quilombo de Caxias